Astrologia

CADEIA PARA OS ASTRÓLOGOS?

Há algumas semanas, pela televisão, foi divulgado um manifesto de astrônomos de Pernambuco, o qual atacava com virulência a atividade dos astrólogos brasileiros e questionava a seriedade e os próprios fundamentos da astrologia. Neste artigo, o jornalista paulista Olavo de Carvalho, estudioso de astrologia e assíduo colaborador de Planeta, *toma a defesa da ciência astrológica e procura "pôr os pontos nos is".*

POR OLAVO DE CARVALHO

Ao tomar conhecimento, pela TV Globo, do manifesto dos astrônomos contra a astrologia, imaginei por uns momentos que essa iniciativa emanasse de um certo espírito de caça às bruxas, que nos últimos anos vinha se tornando comum sob pretextos de natureza nada astronômica.

Mais tarde, examinando melhor, retifiquei o juízo: o singular documento emanava, isto sim, da quadratura (ângulo de noventa graus) entre Júpiter e Urano, que por aqueles dias vinha se formando no céu.

Cheguei a essa conclusão ao recordar-me de que, em abril, durante o I Colóquio Brasileiro de Astrologia (*Planeta* 69, junho de 1978), alguém tinha sugerido o mês de novembro para a continuação dos trabalhos, e a data fora unanimemente rejeitada, após breve consulta às *Efemérides Astronômicas,* porque essa quadratura prenunciava maus momentos para os astrólogos.

Na tradição da nossa arte, Urano é o planeta da astrologia, e Júpiter o da ordem estabelecida, de modo que, ao entrarem em conflito, julgamos mais prudente nos recolhermos às nossas tocas, movidos pela proverbial e santa covardia dos que sabem, pelos sinais celestes, pressentir o fumo das fogueiras e o gosto do óleo de rícino.

Ante a bizarra iniciativa dos astrônomos, porém, a Associação Brasileira de Astrologia (à qual tenho a honra de pertencer, como sócio, já tendo exercido ali um cargo de assessoria) encheu-se de brios e emitiu um documento que rebate as acusações e aduz dezenas de provas da existência da correlação entre os astros e o destino humano, como a famosa estatística Gauquelin

(*Planeta* 64, janeiro de 1978) e os testes de Brown, Piccardi, Takata, Hauschka e tantos outros, que os atuais locatários do saber astronômico nacional teriam – se a palavra "dever" ainda significasse alguma coisa – o dever de conhecer.

Já eu, tão acovardado hoje quanto ontem, não me disponho a discutir com meus inquisidores. Eles dispensariam meus argumentos. Que importância podem ter as razões de um cidadão comum àqueles que, para emitir uma denúncia grave, se eximem mesmo da mais breve e elementar consulta à bibliografia da arte que condenam?

Não, meus amigos astrólogos, não adianta discutir. As idéias são coisas leves, incorpóreas, aladas como o deus Mercúrio que as preside: nada podem contra o peso maciço da estupidez. As razões não removem pedras e, dizia Aristóteles, a palavra *cão* não morde.

Mesmo que esses senhores estivessem dispostos a terçar conosco as armas da razão, não poderiam fazê-lo na arena que escolheram, no ambiente de algazarra festiva e irresponsável da TV e dos órgãos de comunicação diária, porque, dizia Leonardo, *dove si grida non è vera scienza,* onde se grita não há verdadeira ciência. Sobretudo onde se grita pedindo cadeia para os adversários. Exceto se a "ciência" em jogo for a ciência do dr. Mengele, a genética de Lysenko ou a lingüística do prof. Stálin.

Sobretudo, creio eu, não se pode discutir, porque o alegado objeto de disputa – a astrologia – não compareceu. Em vão procuraremos, no texto, no verso ou nas entrelinhas do manifesto do Recife, qualquer coisa que se assemelhe, de perto ou de longe, àquilo que há dez milênios recebe o nome de "astrologia". Ao contrário, encontramos apenas o fantasma grotesco que, não há dez milênios, mas há quatro décadas, usurpou esse nome nas páginas do *Sunday Express,* de Londres, e que desde então passou a desempenhar o papel de "astrologia" na cabeça daqueles cuja cultura se resume na leitura dos jornais do dia, e cuja visão histórica é limitada, numa direção, pela data do seu nascimento, e, noutra, pelo jogo de domingo próximo.

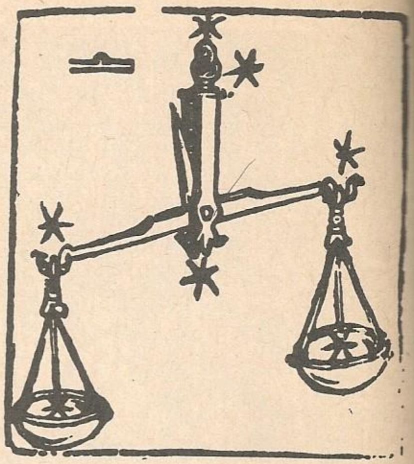
O documento não peca apenas ao adotar uma perspectiva histórica digna dos comentaristas esportivos, mas ao supor – sem discussão prévia e contra toda evidência – que é possível julgar uma forma qualquer de saber a partir de suas manifestações degradadas e inferiores. Na realidade, isto é impossível, pela simples razão de que, nessas manifestações inferiores, a essência ou natureza desse saber não se encontra realizada. Não está *presente,* exceto, talvez, sob a forma de projeto abortado.

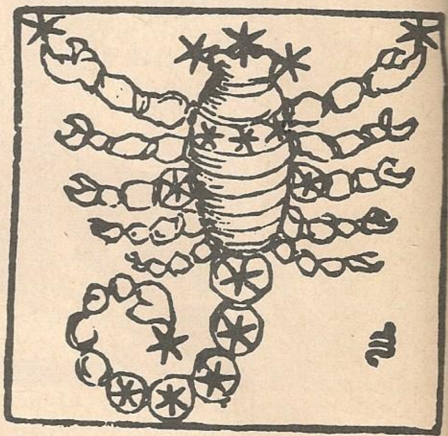
Não se poderia julgar a astronomia, por exemplo, a partir das seções tipo "Adivinhe se puder" dos almanaques, e sim a partir de Copérnico ou Herschel, porque estes não se limitaram a indicar, prometer ou sugerir um conhecimento astronômico, mas o *realizaram efetivamente.*

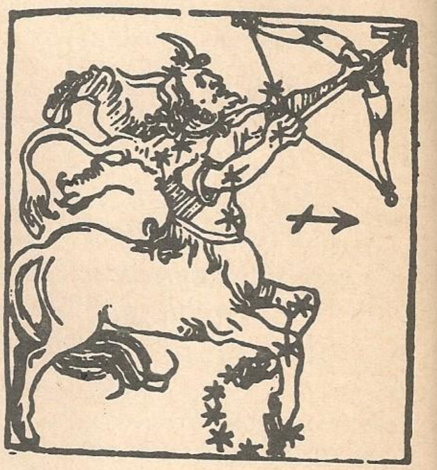
Muito pouco a ver com a astronomia

Não se poderia julgar "a música" a partir de Roberto Carlos ou John Travolta, omitindo metodologicamente Bach, Mozart e Beethoven. Não se poderia sequer julgar um saber de natureza empírica, um esporte, o boxe, por exemplo, a partir do desempenho amadorístico de um comerciante de secos e molhados que casualmente subisse ao ringue para se divertir. Não. Seria preciso esperar que um Joe Louis, um Floyd Patterson ou um Cassius Clay nos demonstrasse, desde um nível máximo possível de realização, em que consiste esse esporte. Do mesmo modo, não se pode julgar a astrologia a partir do seu arremedo jornalístico: seria preciso buscar as obras e lugares onde o saber astrológico não se encontra apenas imitado (de resto, de maneira pueril), mas realizado, existente.

Ora, um saber astrológico realizado é algo que existe, que está consignado em livros (alguns com séculos, outros com milênios de idade) e está à disposição de qualquer pessoa. Está, por exemplo (para citar só alguns nomes que me ocorrem agora, e para os leitores terem uma idéia do seu *volume*), nas obras de um Plotino, de um Platão *(Timeu),* de um Paracelso, de um Tomás de Aquino *(Summa Theologica* e *Tractatus De Lapide Philosophico),* de um Kepler *(Harmonice Mundi),* de um Newton, de um Wronski, de um Warrain, de um Charles Henry, de um Vannier, de







um Evola, de um Guénon, de um Carter, de um Weiss, de um Papus, de um Levi, de um Kurilo, de um Discepolo, de um Fankhauser, de um Jung, de um Abellio, de um Verney, de um Durand, de um Barbault (dos dois: André e Armand), de um Rudhyar, de um Jones, de um Hall, de um Darling, de uma Hone, de uma Sénard, de um Nicola, de um Boudineau, de um Gouchon, de um Allendy, de um Brahy, de um Lasson, de um Gauquelin, de um Pietzke, de um Kraft, de um Ebertin, de um Tchijevski, de um Blanchard. Chega? Chega para demons-

trar que o conhecimento astrológico de dez milênios faz um volume, ocupa um espaço, não é invisível? Bem, mas para julgá-lo seria preciso conhecê-lo. O provincianismo, dizia Ortega y Gasset, consiste em julgar que o mundo é igual à nossa província. Julgar a astrologia pelos horóscopos populares é como tentar entender a *Santa Ceia* ou a Catedral de Chartres pelos padrões artísticos de um jurado de programa de calouros. Imaginem o jurado discutindo estética com Umberto Eco. Vêem por que o debate é impossível?

O documento do Recife erra o alvo todas as vezes que usa o termo "astrologia". Por exemplo, *pressupõe,* também sem discussão prévia, que *a astronomia* contenha em si os conhecimentos necessários para demonstrar a inanidade da astrologia (se não tivessem este pressuposto, os astrônomos não assinariam o documento; se o assinaram é porque supõem que sua condição de astrônomos os habilite para isso).

Na realidade, não é preciso conhecer muita astrologia para ver que ela tem *muito pouco* a ver com a astronomia. Pode-se estudar astrologia com conhecimentos relativamente rudimentares de astronomia (o suficiente para calcular latitudes e longitudes, ascensão reta e declinações), mas não se pode fazê-lo sem sólidos conhecimentos de mitologia, de psicologia, de religiões comparadas, de heráldica, de simbologia, de arte sacra, e sem a vivência prática, concreta, de pelo menos uma das muitas vias de autoconhecimento e transcendência criadas pelas tradições espirituais do Oriente e do Ocidente, como a cabala e a ioga, as várias formas de meditação e experiência mística etc.

A astronomia está para a astrologia assim como a estatística está para as ciências sociais: é um instrumento de controle e formalização matemática, nada mais. E ainda é preciso notar que, do imenso caudal de técnicas e observações que nos são fornecidas pela astronomia, a astrologia utiliza apenas uma parte mínima. Pela simples razão de que a astronomia é um conhecimento especializado e, quanto mais especializado e detalhado um conhecimento, mais difícil inseri-lo num sistema totalizante destinado à integração de conhecimentos, tal como é a astrologia.

Na realidade, a astrologia é *unicamente* um sistema simbólico que busca a integração de conhecimentos a partir de um modelo formal constituído pelos arquétipos zodiacais e planetários ("ciência das correspondências ou harmonias universais", definiu-a Kepler), mas esta hipótese parece nem de longe ter ocorrido aos signatários do manifesto, ansiosos de ver nela uma ciência (uma falsa ciência) experimental dedicada ao estudo do determinismo astral. Bobagem: a hipótese de um determinismo astral, de uma causalidade astrológica, é das menos desenvolvidas e das menos importantes na história da astrologia, onde, ao contrário, as concepções mais significativas são as da *simpatia* (Paracelso), da *harmonia* (Pitágoras-Kepler), da *sincronicidade* (Jung) e da *homologia estrutural* (Abellio-Verney), as quais *começam,* logo de cara, por afastar a hipótese da causalidade astrológica. Há ainda as teorias projetivas (Barbault, Bachelard), que também não admitem causalidade. Mas para saber isto seria preciso ter lido, e não pouco. Só a ignorância pode levar a crer que os métodos da ciência da matéria (de *uma* ciência da matéria, como a astronomia, ou mesmo de todas elas juntas) bastem para dar conta do universo do *significado,* que é o universo da lingüística, da lógica matemática, da ciência da literatura . . . e também o universo do astrólogo.

Supor que um diploma de astrônomo (ou mesmo o conhecimento maciço de astronomia) confira autoridade para falar de astrologia é tão infantil (para tornarmos a comparação mais precisa) quanto imaginar que anos e anos de estudos de estatística podem levar à compreensão da sociologia de Weber, ou de Simmel, da estética de Croce ou da metafísica de Heidegger.

A ignorância não se corrige com o debate, mas com informação. Com leitura. Um astrônomo não está necessariamente mais apto a discutir astrologia do que um agrônomo ou um contabilista. O "dever" em nome do qual os signatários do manifesto alegam denunciar os astrólogos é apenas o dever de simular um conhecimento que não têm.

Apesar de tudo isso (ou melhor: por causa de tudo isso), a denúncia chegou aos jornais e, pior ainda, à TV. Como ninguém ignora, chegar à TV é, em nossos dias, não apenas um ápice de glória, mas também uma forma de jurisprudência: "Deu no *Fantástico*" equivale, hoje, ao antigo *Magister dixit.* E os despropósitos do manifesto provavelmente continuarão passando por verdades científicas, por mais que remoam e protestem os astrólogos.

No entanto, eu gostaria de chamar a atenção (não dos signatários do manifesto, que, se não leram nem os textos clássicos da astrologia, provavelmente não vão ler isto, nem dos adeptos beatos da astrolo-

gia popular, que não precisam de razões para crer naquilo que os meios de comunicação os forçam a engolir sob o nome de astrologia, mas daqueles que têm o gosto pela análise a ponto de se debruçarem sobre este bizarro documento com a fria curiosidade do anatomista ante o cadáver), gostaria de chamar a atenção para alguns pontos, onde toda uma constelação de significados subjacentes se revela nas entrelinhas do manifesto:

1. Segundo os signatários, a astrologia está "atrasando" ou "prejudicando" algo a que denominam "desenvolvimento nacional". Como se trata de documento assinado pelos que se dizem representantes da ciência, suponho que traga, em anexo, os quadros e tabelas demonstrativos da correlação entre crença na astrologia e decréscimo do PNB. Caso contrário, serei levado a concluir que a condição de astrônomo confira licença acadêmica para emitir leis sócio-econômicas de correlação impossíveis de demonstrar por qualquer meio de pesquisa atualmente existente e formuladas com a irresponsabilidade de charlatães. Pior ainda: que ela confira a seu detentor o direito de, com base nessa maluquice sociológica, enviar pessoas ao cárcere.

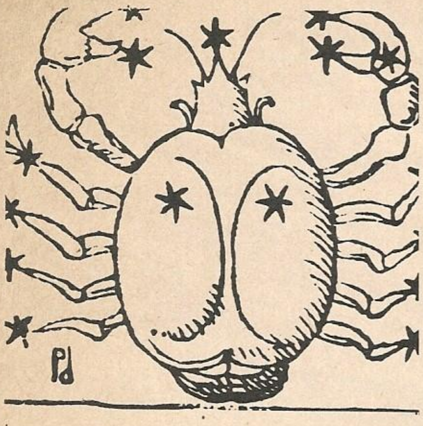
2. "A maioria dos astrólogos não é constituída de pessoas formadas", diz ainda o documento. Item um: não é formada porque simplesmente *não existe* em nosso país uma escola superior de astrologia (como existe, por exemplo, na Inglaterra e na Suíça), e não existe, em parte, graças a uma mentalidade como a expressa no manifesto. E de pouco adianta, para o exercício da astrologia, ser formado em *outra coisa,* em engenharia ou serviço social, nutricionismo ou oceanografia. Em se tratando de astrologia, a exigência de diploma entraria na história como Pilatos no Credo. Um Pilatos, aliás, convocado unicamente pelo gosto colonial dos títulos acadêmicos e honoríficos. Ademais, num país cuja cultura, *em seus momentos mais altos,* foi construída quase que inteiramente pelo esforço dos autodidatas – um Machado de Assis e um Capistrano de Abreu, um Amadeu Amaral, um Vicente Ferreira da Silva, um Graciliano Ramos –, essa exigência soa um bocado *nouveau-riche.* Item dois: *Que* maioria? Estou no meio astrológico há pelo menos quatro anos e, apesar dos esforços da Associação Brasileira de Astrologia nesse sentido, *não tenho até hoje a menor idéia de quantos astrólogos, profissionais ou amadores, existem no país.* Ou, por acaso, esses senhores descobriram um novo e infalível processo divinatório, baseado na observação dos astros?

3. O motivo alegado para pedir cadeia para os astrólogos é que eles "exploram a boa fé popular". Ora, comparecer à TV e aos jornais para denunciar e pedir cadeia, e fazê-lo *em nome da autoridade científica,* mas não da ciência efetivamente existente, e sim da *imagem fetichizada de uma ciência que se impõe pelo prestígio sem a menor necessidade de provas,* o que é, senão *explorar a boa fé* com que o cidadão comum, o telespectador sem formação científica, crê com fé de sacristão na figura do "cientista" como imagem do saber personificado? Não se trata, no caso, de apostar sobre um *mito,* de invocar o respeito irracional a um totem, de explorar o lado *emocional* do espectador, com o fim de prejudicar terceiros? E não lhes ocorre, ó almas cândidas, que isto é passível de processo?

As origens do espírito de delação

O psicólogo húngaro L. Szondi, no seu *Tratado do Diagnóstico Experimental dos Instintos,* diagnostica o espírito de denúncia e delação como resultante do desejo de ocultar uma falta cometida, atraindo a atenção e a ira da autoridade interna para uma falta menor e não significativa cometida por outro. É o velho Caim tentando fazer-se de bom menino. No caso, tenho razões para supor que a falta, subconsciente ou semiconsciente, que o manifesto oculta é aquela cometida por toda a ciência contemporânea, e que Edmund Husserl tão bem analisou em sua *Crise das Ciências Européias:* a redução da idéia de *ciência em geral* à idéia de uma "ciência de objetos" que tem seu critério último de validade unicamente na eficácia da transformação industrial da matéria e não no valor teleológico da verdade. Trata-se, em suma, da identificação crescente entre a ciência e o aparato tecnoburocrático.

Aquele que sacrifica a *necessidade de prova* no altar de um "desenvolvimento" elevado à condição de totem está oferecendo, em ato, a prova viva do diagnóstico de Husserl: está cortejando o aparato tecnoburocrático em detrimento do valor *Verdade.* Será preciso lembrar que os horóscopos populares não foram inventados pelos astrólogos, mas pelos meios de comunicação de massa, *que fazem parte do mesmo aparato tecnoburocrático que financia a pesquisa científica?* Será preciso lembrar que o "clima de fatalismo" invocado pelo manifesto, longe de ser "prejudicial



ao desenvolvimento", é, ao contrário, altamente propício à implantação de uma sociedade industrial onde é preciso transformar o homem num obediente e monótono instrumento de trabalho, amputando-lhe qualquer traço de individualidade e livre-arbítrio? Será preciso lembrar que a "ciência" moderna é justamente o principal aliado do Estado industrial na implantação da grande fábrica em que o mundo de hoje se transforma? Será necessário dizer que a idéia de um destino inelutável proveniente do alto é uma grande alavanca do progresso econômico, seja esse destino decretado pelos deuses ancestrais, o Wotan da Alemanha hitlerista ou o "iluminado guia dos povos" que personifica o mito do determinismo histórico? Ou os signatários do documento pretendem um desenvolvimento econômico mais rápido que o da Alemanha hitlerista ou da Rússia do dr. Stálin?

Querem a prova candente de que os meios de comunicação de massas e os representantes da "ciência" no fundo se dão muito bem, por trás da ira aparente destes últimos, com os horóscopos populares? Pois bem: o canal de TV que divulgou o manifesto entrevistou também, entre outros astrólogos, o dr. Juan Alfredo César Müller. Entre todos os entrevistados, o dr. Müller era o único cuja figura e cujas declarações poderiam dar ao espectador uma imagem do que foram os grandes astrólogos do passado e do que são os de hoje. O dr. Müller não só foi presidente da Associação Brasileira de Astrologia (que certamente o elegeu para o cargo por julgá-lo representativo), como também estudou astrologia com um dos mais legítimos astrólogos do século — Fankhauser — por sugestão pessoal daquele que mais contribuiu para o renascimento astrológico do século 20: Carl Gustav Jung. No entanto, a entrevista *não foi levada ao ar.*

Uma conspiração contra a verdadeira ciência

A simples presença de um homem como o dr. Müller — a presença do mais significativo astrólogo de São Paulo, líder e mestre de centenas de estudiosos do assunto — bastaria, por si só, para anular todo o efeito da *mise-en-scène* armada contra a astrologia. Porque não corresponderia em nada à figura do astrólogo folclórico e ignorante que se quis transmitir, mas seria a imagem de um dos mais respeitados psicólogos clínicos de São Paulo, membro de várias sociedades científicas do Brasil e do exterior, formado pela Escola de Psicologia de Zurique e ex-aluno de Szondi, Jacobi, Pfister, Schneider e outros criadores da moderna ciência psicológica. Por isso, era preciso omitir essa imagem.

Aliada em seus objetivos e em seu método ao aparato tecnoburocrático, a ciência moderna vem fazendo o possível para transformar a natureza em "objeto", de modo que, destituída de qualquer liame de significação com a existência humana, ela se preste melhor e mais placidamente ao papel de matéria-prima para a indústria. Do mesmo modo, os enfoques parcelares e fragmentários que reduzem o homem a um amontoado mais ou menos inconexo de processos causais específicos vêm desfigurando totalmente a imagem integral do ser humano como microcosmo ligado a uma totalidade por uma rede de significações, imagem esta que herdamos da tradição espiritual e das ciências herméticas como a astrologia e a alquimia. Essa destruição é hoje objeto de preocupações da parte das frentes mais avançadas do pensamento mundial, envolvidas há algumas décadas num questionamento radical do saber contemporâneo. Esse debate, que no Ocidente começou com Edmund Husserl, alcança hoje sua culminação na obra de um Foucault, de um Gilbert Durand e de um Abellio, cuja conseqüência lógica é a constatação da necessidade de uma volta ao enfoque integrativo das ciências tradicionais. Esse debate é o fato mais importante da cultura contemporânea, mas isto não constitui razão suficiente para que os "sábios" brasileiros o acompanhem, e por isso continuamos vivendo, como os europeus de duas décadas atrás, o drama de uma "ciência" que, perseguida pelo fantasma do saber integrado que ela mesma ajudou a matar, procura exorcizá-lo por todos os meios.

A astrologia, como todo o saber integrativo que herdamos da tradição, é a "sombra" junguiana de uma ciência que transformou a natureza e o homem em matéria-prima para o Moloch industrial. A existência e a sobrevivência desse saber simbólico que restitui o nexo de sentido entre o homem e o cosmos são um lembrete constante do crime que as ciências estabelecidas, sacrificando a verdade no altar do aparato tecnoburocrático, vêm cometendo contra o ser humano. Por isso é preciso combater esse saber simbólico, lançar sobre ele a suspeição de bruxaria noturna e monstruosa, cobri-lo de uma aura de superstição negra e diabólica, para mais facilmente lançá-lo à fogueira antes que ele desperte a consciência de uma humanidade mecanizada e servil.